

Uma perspectiva psicanalítica acerca do filme Coringa e suas possíveis ligações com a cultura do movimento incel.

Vinícius Santos da Costa

Brasília - DF

Dezembro, 2024

VINÍCIUS SANTOS DA COSTA

Uma perspectiva psicanalítica acerca do filme Coringa e suas possíveis ligações com a cultura do movimento incel.

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – CEUB como requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas Cerqueira.

BRASÍLIA

Dezembro, 2024

Folha de Avaliação

Vinícius Santos da Costa

Uma perspectiva psicanalítica acerca do filme Coringa e suas possíveis ligações com a cultura do movimento incel.

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira - CEUB
Orientadora

Prof. Dr. Guilherme Freitas Henderson - CEUB
Examinador

Profa. Dra. Tânia Inessa Martins de Resende - CEUB
Examinadora

Brasília, DF

Dezembro, 2024

Resumo

A pesquisa apresentada visou analisar a cultura do celibato involuntário, fazendo comparativos com o filme de 2019, *Coringa*, estrelado por Joaquin Phoenix. O movimento mais conhecido como incel não se resume apenas à não prática da relação sexual, mas engloba uma vasta gama de fantasias, preconceitos, ressentimentos com a cultura, e outros fatores que tornam o fenômeno complexo de se analisar.

Os integrantes desse movimento acabam por se reunir de forma anônima em redes sociais, o que favorece não só para o aumento desse grupo como incentiva a violência e fantasias produzidas pelos participantes. Isso faz com que os integrantes do movimento incel busquem formas de se inserir na sociedade a partir de uma cultura do ódio, da violência e do machismo. O objetivo desta pesquisa foi o de relacionar essa ampla cultura incel, desenvolvida na obscuridade das redes sociais, com eventos culturais que são vistos por esse grupo como exemplos de seu sofrimento. Nesse sentido, foi tomado como ponto de referência o filme *Coringa*, de 2019. Com o uso da teoria psicanalítica, o estudo analisou elementos que compõem essa cultura e como eles se expressam no cotidiano.

Palavras-chaves: Cultura, Incel, Violência, Ódio.

Sumário

Resumo.....	4
Introdução.....	7
Capítulo 1 - Fundamentação Teórica.....	10
1.1 A origem do movimento incel.....	10
1.2 O ambiente virtual.....	12
1.3 A subcultura do movimento incel	13
Capítulo 2 - Metodologia.....	15
1.1 A pesquisa qualitativa.....	15
Capítulo 3 - Resultados e Discussão.....	18
Considerações Finais.....	23
Referências.....	24
Anexos.....	
Apêndices.....	

Introdução

Quem já navegou por redes sociais como Reddit, Facebook, canais de Discord e até o inativo X (antigo Twitter) provavelmente já se deparou com o termo incel, ou já viu alguma manifestação desse grupo. Incel é o diminutivo da expressão “involuntary celibates”, ou “celibatários involuntários”, e corresponde a um grupo de homens que não conseguem ter relações amorosas e atribuem a culpa às mulheres por esse fracasso (Pereira, 2019).

São normalmente homens de meia idade que descobriram no anonimato e liberdade oferecida pela internet a oportunidade de compartilhar seu sofrimento graças à descoberta tranquilizadora de não estarem mais sozinhos (Pereira, 2019).

O termo *celibato involuntário* nasce em 1993, quando uma jovem canadense conhecida como Alana, fundou um blog chamado “Alana's Involuntary Celibacy Project” ou “Projeto de Celibato Involuntário da Alana” (Ling & Mahoney, 2018), com o objetivo de gerar um espaço de compartilhamento entre pessoas que passavam pela mesma situação que ela. Segunda Alana, o site era destinado à “qualquer um de qualquer gênero que estivesse sozinho, nunca tivesse tido relações sexuais ou que não tivesse um relacionamento há muito tempo” (Taylor, 2018).

A partir de 1997, o termo incel já estava extremamente popularizado e representava exclusivamente grupos de jovens homens que não conseguiam se relacionar com outras mulheres, mesmo se sentindo aptos para isso (Ling. Mahoney, 2018). Sites como 4chan possuíam inúmeras comunidades que se denominavam incels, algumas com mais de 9 mil integrantes.

Com o crescimento desses grupos ocultos na internet os integrantes dessa subcultura começaram a se sentir confortáveis para expressar não apenas suas vivências, mas seus pensamentos e fantasias com relação aos verdadeiros culpados do seu celibato, as mulheres.

Essas comunidades online se tornaram palco para qualquer tipo de violência contra o sexo feminino, as culpabilizando de todo seu sofrimento.

Os indivíduos quase nunca se identificam nessas comunidades, os participantes se escondem atrás de pseudônimos na tentativa de não serem identificados e responsabilizados pelos seus crimes. Os incels começaram a se organizar e praticar ataques reais, alguns possuíam conhecimento de informática e começaram a invadir contas bancárias de mulheres, outros começaram a fazer ataques e ameaças em massa nas redes sociais na tentativa de intimidar o público feminino, já outros partiram para um nível muito maior de violência praticando tiroteio e assassinatos em massa (British Broadcasting Corporation. BBC, 2018).

Em 2021, um homem de 22 anos, conhecido como Jake Davison, matou cinco pessoas em Plymouth, no sul do Reino Unido, e logo em seguida tirou sua vida. Segundo a investigação, Jake se considerava um incel, compartilhava vídeos dizendo que estava socialmente isolado, tinha dificuldade de conhecer mulheres e as culpava por seus fracassos sexuais (British Broadcasting Corporation. BBC, 2021).

Em 2022, outro homem de 22 anos foi responsável pela morte de 6 pessoas na cidade de Isla Vista, na Califórnia. Antes de cometer o crime, Elliot Rodger publicou em suas redes sociais um vídeo de sete minutos anunciando sua “vingança contra a humanidade”, segundo ele, as garotas nunca foram atraídas por ele, e por isso seriam punidas (British Broadcasting Corporation. BBC, 2021). Logo após a repercussão do crime, Elliot foi erguido ao patamar de herói dentro da comunidade incel, e seu vídeo circula nas redes até os dias de hoje.

No Brasil, no ano de 2020, houve o conhecido ataque à Escola Estadual Raul Brasil, onde dois ex-alunos assassinaram 7 pessoas inspirado no ataque a Columbine nos Estados Unidos. Segundo a investigação da polícia civil do estado de São Paulo, os jovens eram ativos em fóruns da internet, onde predominam os discursos de ódio misóginos,

supremacismo branco, bullying e nazismo (Vargas, 2020). Até hoje o túmulo dos envolvidos no crime recebe visitas de admiradores.

Com o passar do tempo, não são os autores de crimes e atos de violência começaram a ganhar status de símbolo do movimento. As notícias vinculadas a crimes de feminicídio, as músicas, os filmes, espectro político, qualquer tipo de produção cultural que sirva aos interesses deste grupo começaram a ser cooptados para integrar o mundo fantasioso dos incels. De acordo com o pesquisador Jan Andersen (2023), o objetivo do uso de fenmenos culturais pelos incels é criar um certo distanciamento do grupo em relação  sociedade, uma espécie de “nós” e “eles” fortalecendo ainda mais os vínculos simbólicos entre os indivíduos e o próprio movimento.

Segundo Andresen (2023), existem algumas semelhanças entre os fenmenos culturais escolhidos para representar o movimento incel. Para ele, elementos como (1) nível de incel (2) gnero (3) e atos violentos, sempre estão presentes no que ele chama de “atmosfera incel”.

Em 2019, o filme *Coringa* estrelado por Joaquin Phoenix, foi amplamente utilizado pela subcultura incel como forma de os representar e mostrar ao mundo sua ideologia. O filme conta a história de Arthur Fleck, um homem que trabalha com palhaço e sofre de uma doença conhecida como síndrome do riso, afeto pseudobulbar, que faz com que o mesmo tenha crises de risos sem motivo aparente.

Arthur sofre inúmeras violências ao decorrer do filme, sejam físicas ou psicológicas, é retirado do programa governamental que proporcionava seus remédios,  demitido, e por fim perde sua mãe, figura essencial em sua vida. Após esses acontecimentos, Arthur assassina três homens no metrô da cidade de Gotham. É quando ele descobre um novo “eu” dentro de si, tomando gosto pela prática de atos violentos e gozando de uma certa nova personalidade extremamente agressiva. O filme termina com Arthur preso, mas alçado ao posto de herói

pelos moradores de Gotham, o mesmo chega a ser ovacionado pela população local antes de ser levado à penitenciária.

A obra cinematográfica fez tanto sucesso entre os incels, que no dia 24 de setembro de 2019, o exército dos Estados Unidos, em uma investigação em conjunto com o FBI, alertou para a possibilidade de tiroteios em massa na estréia do filme (Cameron, 2019). O exército americano chegou a postar uma nota em que dizia “Run if you can,”. “If you’re stuck, hide (also known as ‘sheltering in place’), and stay quiet. If a shooter finds you, fight with whatever you can.” (Cameron, 2019) a tradução livre para esse texto seria algo como “Corra se você puder, se esconda em algum abrigo e mantenha-se em silêncio. Se o atirador o encontrar, lute com tudo que tem”.

Com o crescimento e complexificação da cultura do movimento incel, surge a necessidade de olharmos para esse fenômeno de forma a entendermos melhor quais são suas bases e origens. A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo geral compreender melhor a cultura do movimento incel, a relacionando com elementos do filme Coringa de 2019 para se identificar possíveis ligações entre ambos. Para isso, a pesquisa fez uso do olhar psicanalítico atrelando as teorias winnicottianas e kleinianas a fim de dar suporte teórico à análise fílmica.

Capítulo 1

Fundamentação teórica

1.1 A origem do movimento incel

O ano era 1997 e quase não existiam redes sociais, o MySpace estava a seis anos de ser produzido, não havia Orkut, Facebook, e muito menos Twitter e Instagram (Taylor, 2018). Foi então que a jovem Canadense de 22 anos conhecida como Alana decidiu criar seu próprio site chamado de Alana's Involuntary Celibacy Project. O site tinha o objetivo de ser o que Alana chamou de “lugar amigável” onde ela poderia compartilhar seu sentimento de uma retardatária e “virgem solitária” (Taylor, 2018).

A idealizadora conta que o site era destinado a “qualquer um de qualquer gênero que estivesse sozinho, nunca tivesse tido relações sexuais ou que não tivesse um relacionamento há muito tempo” (Taylor, 2018). Com o passar do tempo, o blog começou a ganhar notoriedade e se tornou um local onde as pessoas julgavam seguro para compartilhar suas experiências amorosas frustradas ou mal sucedidas.

O termo incel foi pensado pela própria dona do site que na tentativa de abreviar o nome do projeto sugeriu que ele fosse chamado de “invcel”, posteriormente um membro da comunidade sugeriu que o termo mudasse para incel por ser mais fácil de pronunciar fazendo nascer a primeira comunidade incel (Aiolfi, 2021).

Alguns anos depois, Alana desenvolveu o que ela chamou de confiança social, o que a ajudou a se relacionar com outras pessoas (Aiolfi, 2021). Em 2000 ela não se sentia mais parte da comunidade fazendo-a passar o domínio do https para um desconhecido e se desligar do projeto.

Quinze anos se passaram, Alana estava lendo o jornal em uma cafeteria quando se deparou com a notícia de Elliot Rodger, jovem de 22 anos que matou seis pessoas a tiros e esfaqueamento em um shopping de Isla Vista, Califórnia. O autor do crime deixou um manifesto de 141 páginas e até hoje é conhecido como um herói dentro da comunidade. (Taylor, 2018). A partir desse dia ela descobriu que o nome que havia conhecido anos atrás hoje era relacionado com uma série de crimes e assassinatos.

Em menos de 20 anos o site que antes servia como um refúgio para pessoas de todos os sexos se transformou em um local onde homens brancos em sua maioria de meia idade compartilham seu ódio, misoginia, e culpabilizam as verdadeiras responsáveis por seu fracasso sexual, as mulheres (Aiolfi, 2018).

Com o passar do tempo, os frequentadores dos blogs incel começaram a utilizar outras redes para se organizar. Uma das mais populares entre eles é o Reddit, rede social onde é possível criar comunidades privadas em total anonimato. Nas comunidades que podem ser acessadas livremente é comum ver homens atacando mulheres de todas as formas, compartilhando conteúdo supremacista, ideais de extrema direita, e até conteúdo anti-semita (Pereira, 2018).

O Reddit é especialmente conhecido por ter abrigado por anos a maior comunidade incel das redes sociais, eram mais de 40,000 mil membros no subreddit conhecido como r/Incel. Escondidos atrás das telas de seus computadores os participantes se sentiam livres para praticar seus crimes e conteúdos misóginos já que a moderação da plataforma pouco fazia para puni-los (Suzor, 2022).

Após inúmeras denúncias de usuários do site, em 2017 o Reddit decidiu banir a comunidade da plataforma fazendo com que os integrantes do subreddit se espalhassem criando novas comunidades e blogs. Um dos mais populares e que sobrevive até hoje é o subreddit r/Braincel perpetuando o trabalho do movimento (Suzor, 2022).

No Brasil um fórum chamado de Dogolachan ficou conhecido no ano de 2021 por conta do trabalho de mestrado em linguagens, mídia e comunicação de Luis Antonio Alves Meira denominado de “Infiltrado no Chan” (Pinto, 2024). O blog continha todo tipo de conteúdo de ódio e violência que se possa imaginar, e era destinado a aqueles que sentiam raiva do mundo. Segundo Meira (2021):

No Dogolachan, é frequente encontrar expressões textuais e imagéticas que propagam ódio às mulheres consideradas "inacessíveis" e aos homens tidos como "bem-sucedidos" em seus relacionamentos com elas. O próprio uso do nome de Elliot Rodger por um usuário que dá as boas-vindas ao site carrega consigo uma associação de significados que evoca o interdiscurso do manifesto de ódio direcionado às mulheres e aos homens que não se identificam como incels.

Os vários anos de crescimento e organização da comunidade incel, todos os compartilhamentos misóginos, fantasias criminosas e até crimes de fato formam o que Pereira (2018) chama de subcultura do movimento incel. Para Malley (2020), ainda existem poucas pesquisas que consideram as maneiras pelas quais grupos ideológicos têm como alvo indivíduos com base no gênero, existem evidências da subculturas que têm como alvo direto as mulheres com base em seu papel percebido na marginalização e subjugação de homens na sociedade moderna.

1.2 O ambiente virtual

Para que se possa compreender como o movimento incel ganhou tanta força e notoriedade nos últimos anos é preciso conhecer o ambiente em que ele se formou, e como esse ambiente propiciou que seus frequentadores se sentissem confortáveis para praticar ataques e crimes virtuais. Segundo Fontanella (2010), essa subcultura gravita em torno dos chans que são considerados pelos próprios frequentadores como parte do lado mais obscuro da web.

Esses chans se organizam de forma semelhante, a depender de três características. A primeira diz respeito a interface dos sites que só permitem que os usuários usem textos para

se comunicar e aplicando um sistema de curtidas nos comentários que fazem com que eles sejam destacados na página inicial do chan. Uma segunda característica é o software dos fóruns serem configurados de maneira a excluir as postagens depois de um certo período fazendo assim com que eles “não tenham memória” (Fontanella 2010). Por fim, a terceira característica é a possibilidade de postar de forma anônima na plataforma, considerada a principal vantagem de frequentar esses tipos de fóruns, em algumas comunidades o uso de pseudônimos é requisito obrigatório.

O anonimato é um ponto importante para que se possa entender como esses fóruns que em um primeiro momento parecem que estão situados apenas na esfera virtual posteriormente conseguiram ser grandes e influentes a ponto de seus atos na internet partirem para o plano real. Fontanella (2010), o anonimato deixa de ser uma forma de ocultar a própria identidade e se torna uma arma da comunidade que potencializa a criação de uma organização sem líder.

1.3 A subcultura do movimento incel

Michel Maffesoli (2002, citado em Fontanella 2010), descreve uma cultura como algo que se constitui como um desejo de sentir-se comum através da multiplicidade do self. Para ele, só é possível que as pessoas se encontrem através do encontro com o outro, daí nasce uma comunidade com uma cultura que dá ênfase às características que os une.

O'Malley (2020), descreve cultura como um conceito sociológico que se firma através de um conjunto de critérios de valor, capazes de orientar, eficazmente, a ação social. Logo, a cultura se entende por todo um modelo coletivo de identificações, palavras e conduta.

Pessoas que compartilham pensamentos comuns e integram um sistema de valor que diverge da cultura dominante, são caracterizados como integrantes de uma subcultura. Os valores compartilhados por esses grupos por muitas vezes são ligados à esfera da criminalidade. De acordo com Dias e Andrade (20..., citado em O'Malley 2020), a

conceituação de uma subcultura é uma tarefa difícil já que a subcultura só existe a partir de uma continuidade da cultura dominante.

Logo, pensar em uma subcultura é pensar em um conflito entre a cultura dominante e as ações e pensamentos de um determinado grupo que muitas das vezes é um grupo marginalizado e diferente dos grupos da cultura dominante. Para Dias e Andrade (2011), há casos em que a subcultura emerge de uma situação coletiva de frustração ou conflito no interior de uma dada cultura e com padrões normativos opostos aos da cultura dominante.

De acordo com Liberati (2018) podemos caracterizar uma subcultura como:

Uma subdivisão dentro da cultura dominante, que tem as próprias normas, valores e sistema de credibilidade. Essas subculturas emergem quando indivíduos, em circunstâncias semelhantes, se encontram praticamente isolados ou negligenciados pela elite social. Desse modo, agrupam-se, para se apoiarem mutuamente. A subcultura existe dentro de uma sociedade maior, não à parte dela. Contudo os componentes da subcultura diferem da cultura dominante.

No caso dos grupos compostos por pessoas celibatárias involuntárias, a definição do que seria a cultura da qual esse grupo se opõe se torna uma tarefa difícil. Como o fracasso sexual pode ter inúmeras causas e origens é difícil apontar qual seria a verdadeira causa desses homens não estarem conseguindo se relacionar com outras mulheres.

De acordo com Pereira (2019), a cultura vigente da nossa sociedade atual é caracterizada como uma cultura da “hipermodernidade”, uma cultura que explora e comercializa os vínculos fazendo que as pessoas fiquem obcecadas pelo prazer e própria imagem, degradando o sujeito da palavra a um simples desejo.

Os homens que entram no mercado de trabalho e começam a ter interesses sexuais logo se veem presos a uma realidade diferente do que lhes foi prometida. Descobrem que nem todos vão conseguir casar e ter família, que nem todos vão obter sucesso profissional,

que a busca que sempre guiou suas vidas os levaram para um caminho de angústia e frustração (Pereira, 2019).

Ao conseguirem alcançar um certo ideal heteronormativo, tendo um trabalho estável, boa condição financeira, seguir as normas de vestimenta entre outros, estes homens que mesmo assim não conseguem encontrar uma parceira e ter relações sexuais acabam por achar que as responsáveis por seu fracasso são as mulheres. Na visão dos incels eles estão sendo forçados a um celibato “forçado”, que as mulheres os excluem e os humilham por puro prazer num sentimento de superioridade em relação à figura masculina (Pereira, 2019).

Inicialmente a subcultura do movimento incel se sustentava a partir do ódio contra o sexo feminino, com o passar do tempo os integrantes dos deste movimento começaram a coopitar novos elementos para compor um mundo fantasioso englobando não só a raiva que os mesmo sentem do sexo oposto, mas elementos de movimentos redpill, religiosos, heteronormativos, hipergamicos, violentos, o que Pinto (2024) chamou de machoesfera.

Para Pinto (2024), a machosfera se caracteriza por um conjunto de crenças e atitudes que na maioria das vezes incluem um olhar negativo contra as mulheres, e propagam ódio, violência e ressentimento contra as normas sociais.

A complexidade da machosfera e a riqueza de conteúdo que circula por seus fóruns fazem com que a análise do que realmente compõem essa subcultura seja de extrema dificuldade. Hoje sabemos que de forma geral podemos apontar como principais características desse movimento a supervalorização do homem, ódio contra a mulheres e a valorização de qualquer ideal violento e heterossexual (Pinto, 2024).

Capítulo 2

Metodologia

1.1 A pesquisa qualitativa

Este trabalho foi desenvolvido com enfoque qualitativo exploratório e analisado com base no referencial teórico psicanalítico.

Segundo Minayo et al. (2002), a pesquisa qualitativa responde perguntas muito singulares, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado. O mundo da pesquisa qualitativa é o mundo do símbolo, das crenças, dos valores, correspondendo ao espaço mais profundo dos fenômenos que não podem ser reduzidos ou transformados em operação.

A pesquisa qualitativa não tem como objetivo medir eventos, ou usar instrumentos estatísticos para a análise de dados, mas sim obter dados descritivos a partir do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo (Neves, 1996).

Segundo Godoy (1995, citado em Neves, 1996), existem três possibilidades de pesquisa com o uso da metodologia qualitativa, a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. A pesquisa aqui apresentada fará uso do modelo da pesquisa documental que consiste em examinar materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou reexaminar um fenômeno para poder criar novas discussões e perspectivas do mesmo.

Esse tipo de pesquisa permite que estudemos pessoas ou fenômenos que não temos acesso, além de fazer uso de documentos que não são reativos e podem ser estudados por muito tempo (Neves, 1996).

(i) Participante

Este estudo fez uso do filme Coringa, utilizando-o como base para a análise fílmica e a construção do material teórico.

Ficha técnica

Os direitos desta obra são reservados à Warner Bros. Entertainment, sendo proibida a reprodução, disseminação e utilização desta obra fora dos termos de licença da empresa ou canais subsidiários.

1- Detentor dos direitos autorais: Warner Bros. Studios.

2- Matriz: Warner Bros. Discovery e WarnerMedia.

3- Redes parceiras: CNN, HBO, Cartoon Network, TNT, Netflix, Max, Amazon, entre outros.

Título original do filme: Joker.

Título em Portugal: Joker .

Título no Brasil: Coringa.

Imagem do cartaz publicado no Brasil: Anexo 1

Ano: 2019.

Duração em minutos: 122 minutos.

Classificação: Não recomendado para menores de 16 anos.

Idioma: Português.

Gênero: Drama, Policial, Suspense.

Diretor: Todd Phillips.

Roteiro: Bill Finger, Bob Kane, Jerry Robinson, Todd Phillips, Scott Silver.

Produtores: Bradley Cooper, Emma Tillinger Koskoff, Jason Cloth, Todd Phillips, Walter Hamada.

Elenco: Joaquin Phoenix, Bill Camp, Brett Cullen, Brian Tyree Henry, Bryan Callen, Bryan Callen, Dante Pereira-Olson, Douglas Hodge, Evan Rosado, Frances Conroy, Isabella Ferreira, Robert De Niro, Shea Whigham, Zazie Beetz.

Código do IMDB: [/title/tt7286456/](https://www.imdb.com/title/tt7286456/).

Longa de ficção.

País de origem: Estados Unidos da América.

(ii) **Instrumento**

A pesquisa utilizou um roteiro (Anexo 2) para auxiliar tanto na análise fílmica da obra, quanto na construção do material teórico. Esse roteiro é composto por 3 categorias a serem analisadas e cada categoria indica quais teorias analíticas são utilizadas para sustentar a argumentação teórica.

A primeira categoria diz respeito a assistir ao filme, fazendo anotações da minutagem em que aparecem cenas triviais à análise analítica. Para isso, fez uso do Google Docs.

A segunda categoria diz respeito à personalidade do personagem Coringa, buscando-se visualizar possíveis relações com pressupostos teóricos da psicanálise, como Donald Winnicott e Melanie Klein.

Por fim, a terceira categoria fez referência à violência presente no filme e à violência praticada pelo movimento incel.

(iii) **Procedimentos**

A pesquisa foi realizada em dois momentos distintos, com o uso de dois métodos. Em um primeiro momento foi utilizada a metodologia do estudo de natureza exploratória, que tem como objetivo construir uma revisão bibliográfica acerca do tema. Esse tipo de estudo

visa o aperfeiçoamento de ideias e descobertas de novos conhecimentos (Gil, 2008. citado em Silva, 2014).

Segundo Richard (1999), às vezes a relação entre os fenômenos da pesquisa não estão prontamente claros, ou então, temos dificuldades de preencher as lacunas teóricas da possível relação entre os mesmos.

O segundo momento da pesquisa foi marcado por uma análise fílmica com o uso da teoria psicanalítica. Segundo Silva (2014), a análise fílmica pode ser definida como uma tentativa de fazer o pesquisador conhecer novos aspectos do filme, podendo auxiliar na descoberta de novas teorias. A análise fílmica assume importância na construção do conhecimento científico, mostrando-se um instrumento de pesquisa adequado.

Para Penafria (2009), a análise fílmica consiste na decomposição da obra em vários elementos para se conhecer as relações pretendidas à luz de alguma teoria. Assim, o objetivo da análise fílmica é explicar uma dinâmica, propondo uma interpretação com o intuito de no futuro construir novas teorias.

A base teórica psicanalítica desta pesquisa foram os autores Donald Winnicott e Melanie Klein.

Capítulo 3

Resultados e Discussão

Com base nas percepções Winnicottianas de amadurecimento e personalidade, é possível fazer paralelos com a subcultura do movimento incel e seus integrantes.

Donald Winnicott foi um influente psicanalista e pediatra inglês que, a partir de sua prática clínica em consultórios infantis, convenceu-se de que grande parte dos problemas que levavam as mães a procurá-lo eram problemas relacionados à esfera emocional (Dias, 2021).

Ao estruturar a teoria do amadurecimento e personalidade, reconhecida pelo mesmo como espinha dorsal de seu trabalho, Winnicott imputava às crianças recém-nascidas uma tendência inata ao amadurecimento. Tendência esta que quando somada a um ambiente facilitador suficientemente bom (focado na satisfação das necessidades humanas fundamentais), possibilita a capacidade da criança de se relacionar com o mundo, com seus objetos e principalmente de estabelecer relacionamentos interpessoais (Dias, 2021).

Os bebês, quando negligenciados ou não tendo suas necessidades básicas atendidas, pode apresentar o que Winnicott chama de distúrbios psíquicos, em especial a psicose. No geral, o que aproxima os bebês aos psicóticos seria a dificuldade de constituição de um self unitário, nos bebês devido a sua imaturidade, nos psicóticos devido ao que Dias (2021) vai chamar de extravio do caminho da maturidade.

Segundo Baseggio (2021), uma das discussões da obra de Donald Winnicott é entender como o abandono da figura materna incide nas falhas da construção especular do Eu. No decorrer de seus estudos, Winnicott verificou a importância da relação da mãe com seu filho na construção da personalidade, destacando que mais do que presença física da mãe

o bebê precisa de seu olhar, seu carinho, seu afeto, para que ele possa se sentir integrado e amado, para posteriormente saber amar.

Neste ponto, pode-se fazer o primeiro paralelo com a cultura incel e o filme *Coringa* de 2019, estrelado por Joaquin Phoenix. O tema do abandono parental é figura central na trama da vida de ambos os citados anteriormente. Arthur, o personagem do filme, possui uma ligação de extrema afetividade e quase que simbiótica com sua mãe, passando por muitas dificuldades e violências no decorrer da vida, em prol de cuidar de sua progenitora. Não conheceu o pai, tendo nutrido um sentimento de curiosidade e esperança de que essa figura paterna aparecesse com ajuda financeira.

No final do filme, Arthur acaba descobrindo que possivelmente não é filho de sua mãe, que a mesma possui várias passagens pelo manicômio de Gotham, além de ter possivelmente sido responsável por uma queda de Arthur, a qual é a possível causa de seu transtorno do riso. Além do mais, o homem que Arthur acreditava ser seu pai (Thomas Wayne, interpretado por Dante Pereira-Olson) o agride e nega a paternidade, alegando que a mãe de Arthur era louca.

Na subcultura do universo incel, o tema do abandono também está presente nos fóruns de discussões, muitos são os relatos de homens que acreditam não conseguir se relacionar com mulheres devido à falta que uma figura paterna faz em suas vidas. Já outros acreditam que poderiam valorizar as relações interpessoais com as mulheres se tivessem uma boa relação com suas mães (Bono, 2023).

Partindo de uma perspectiva winnicottiana, é possível inferir que tanto Arthur quanto os denominados incels não tiveram o que ele chama de ambiente suficientemente bom quando mais novos. Ambos podem ter sido negligenciados em alguma esfera de satisfação, o que incide diretamente na construção da personalidade, self e capacidade de integração e não integração (Phillips, 2013).

E é justamente a capacidade de integração e não integração que possibilita a abertura para a experiência de estar com o outro, de amar, e de se sentir seguro em uma relação (Phillips, 2013). Quando a figura materna se ausenta de sua função, e conseqüentemente acaba por não fazer o *holding*, por não olhar a criança nos olhos, falar com o bebê, ela não gera as condições necessárias para que esse bebê dê início ao processo de se perceber como um ser unitário.

A falha no processo de autenticidade de um si mesmo, e na integração de um self localizado no próprio corpo, estrutura uma personalidade que terá dificuldades de se integrar ao longo da vida. Para Winnicott, essa capacidade é essencial para boas relações interpessoais, pois é apenas a partir de uma não integração, com uma aproximação do outro e que possa “se perder” no outro, a integração pode se fazer novamente (Ferreira, 2019).

Vale lembrar que existem indivíduos que nunca conseguiram fazer o processo de se integrar, estes vão ser denominados de desintegrados e, segundo Winnicott, são os que mais se aproximam de uma psicose (Phillips, 2013). Porém, segundo Ferreira (2019), é possível se pensar em desencontros no processo de amadurecimento, os que criam sujeitos adoecidos que se aproximam de processos neuróticos, e é justamente aqui que se encontram os incels.

O mesmo fenômeno também pode ser analisado à luz da teoria psicanalítica Kleiniana, mais especificamente das teorias de introjeção do objeto e inveja da feminilidade (Simon, 1986). Klein acreditava na formação de um Édipo e superego precoces, derivados de elementos pré-edípicos que já estariam presentes na fase oral da criança. Para esta, se existem elementos orais e anais no momento do complexo de Édipo é por conta destes elementos já terem sido constituídos antes, o que antecipa o momento da formação do Édipo proposta por Freud.

É no momento dos primeiros sinais de um Édipo precoce que também se inicia a formação de um superego primitivo que dará a possibilidade da internalização do primeiro

objeto pulsional da criança, a mãe. Esse bebê acaba por desejar a destruição desse objeto libidinoso, mordendo-o, devorando-o e cortando-o, o que conseqüentemente faz com que a criança fantasie uma resposta de retaliação deste mesmo objeto, instaurando um sentimento de ansiedade (Simon, 1986).

O objeto que agora se torna persecutório para o bebê é o que Klein vai chamar de superego precoce, que agora se torna um objeto que morde, corta e devora (Simon, 1986). O menino que passa por um desenvolvimento saudável, com uma figura materna presente, acaba por se identificar com a mãe e direciona os desejos sexuais à figura paterna, Klein chama este momento de inveja da feminilidade e o compreende como rumo natural do complexo de Édipo.

Porém, esse processo pode apresentar falhas e a criança pode ter uma mãe internalizada com a qual não se identifica, fazendo com que ela se constitua como um superego materno terrível que tendo sido mutilado agora reivindica mutilando o menino (Simon, 1986). Ao mesmo tempo, o seu pai se torna aterrorizante e castrador, constituindo-se, junto com a mãe, um superego ameaçador e castrador.

As angústias geradas por esse superego precoce levam o menino a abandonar suas identificações com a mãe, esse faz tentativas de se identificar com o pai. Porém, segundo Simon (1986), uma identificação masculina baseada apenas na angústia pode não ter uma base sólida, fazendo com que o ódio e a inveja contra a mulher perturbem para o resto da vida a masculinidade e a relação heterossexual.

Para Melanie Klein, durante a fase oral e anal da criança, o que está em jogo são as pulsões de caráter sádico (Simon, 1986), ou seja, as pulsões relativas ao prazer de destruir o outro. Na medida em que o infante se aproxima da fase genital, os impulsos começam a se ligar às pulsões positivas e construtivas, ou seja, ao amor.

Este ponto da teoria Kleiniana pode explicar em parte a relação que os incels têm com o objetivo de desejo feminino. Uma relação eternamente marcada pelos impulsos sádicos de destruição, que afasta o sujeito do encontro com o objeto e o aproxima de uma imagem do homem que pode apaziguar todo sofrimento gerado por esse superego amedrontador (Simon, 1986).

Outro ponto de análise pode ser levantado a partir da teoria Kleiniana, o de que é possível que a partir de complicações nos processos edípicos precoces quando crianças, os indivíduos da comunidade incel tenham um ódio e inveja da figura feminina, graças a uma não identificação com a figura materna do superego (Simon, 1986). Esses indivíduos acabam por serem assolados por toda a vida por uma relação de violência e medo da figura feminina, se utilizando da fantasia como meio de apaziguar a angústia.

As fantasias, que são comuns à posição neurótica do incel (Dunker, 2019), também estão intensamente presentes no universo no filme *Coringa*. Arthur fantasia inúmeras vezes no decorrer do filme, oscilando entre fantasias de conteúdo positivo e fantasias com conteúdo de cunho violento.

Uma das fantasias mais emblemáticas do filme ocorre quando Arthur está em sua sala de estar e finge estar falando com uma mulher. Ele então começa a dançar com uma arma na mão como se estivesse em uma festa, e dá início a uma conversa com esta mulher como se estivesse flertando com a mesma. Arthur então atira na parede da própria casa, imaginando que ali havia outro homem que tentava se aproximar da moça.

Para Melanie Klein, as fantasias são eixo da relação com o mundo que nos cerca, podendo exemplificar o modo como nos relacionamos com o outro. Para ela, as fantasias são inatas no sujeito, uma vez que representam instintos, tanto libidinais quanto agressivos (Oliveira, 2007). Os componentes somáticos e psíquicos somados aos processos pré-

conscientes e conscientes acabam por formar a personalidade do indivíduo, fazendo com que as fantasias sejam de suma importância para o funcionamento mental primário.

Segundo Oliveira (2007), o conceito de fantasia proposto por Klein pode ser lido como um representante psíquico do instinto, que expressa a realidade interna e subjetiva sempre estando ligada à realidade objetiva. Ela tende a se transformar na medida em que as experiências corporais são ampliadas, alterando também as sensações e percepções do indivíduo.

É através das fantasias que segundo Klein realizamos tentativas de realização de desejos, negação de fatos dolorosos e segurança com relação ao lado aterrorizante do mundo (Oliveira, 2007). Com o passar do tempo, a criança vai se relacionando com novos objetos, o que progressivamente faz com que as fantasias deem lugar às emoções e processos cognitivos mais complexos.

Na vida adulta, a maioria dos conteúdos fantasmáticos são ligados à esfera sexual. Eles podem não se manifestar de forma tão clara como nas crianças, mas estão presentes para o resto da vida do indivíduo (Oliveira, 2007).

Quando a criança é reprimida e não consegue dar destino às suas fantasias masturbatórias, a liberação fantasmática para, afetando as atividades da vida lúdica e todas as sublimações posteriores (Oliveira, 2007). Klein ressalta que a liberação destas fantasias sexuais é essencial para uma vida sexual adulta satisfatória.

Considerações finais

A análise fílmica aqui apresentada conclui que existem elementos que aproximam o movimento incel do filme *Coringa* de 2019, a partir de um olhar psicanalítico sustentado em Klein e Winnicott. É possível que devido às limitações, desacordos, faltas e violências ocorridos na infância, indivíduos desenvolvam personalidade que geram dificuldade de entrar em contato com o outro, transformando o objeto de desejo em objetivo de ódio, tudo isso sustentado por fantasias inconscientes que afastam o sujeito do encontro com seu objeto de prazer.

No mais, se faz necessário um maior aprofundamento nos temas que circulam a subcultura do movimento incel, para que se desenvolvam novas teorias e novas práticas clínicas, visando atender essa comunidade que se encontra em sofrimento psíquico.

Referências

- Aiolfi, I. (2021). Who are the involuntary celibates? A scientific literature review.
- Aumont, J. & Marie, M. (2004). A análise do filme. Rio de Janeiro: Texto e Grafia.
- Andersen, J. (2023). The Symbolic Boundary Work of Incels: Subcultural Negotiation of Meaning and Identity Online. University of Oslo, Oslo, Norway.
- Baseggio, D. (2011). Abandono psíquico dos pais na constituição do self. Santa Cruz do Sul. RS.
- Bono, M. (2023). Lonely and disaffected young men. a thematic content analysis of forum posts by members of incel forums. New Jersey. US
- Brago, M. (2021). A semiótica psicanalítica dos celibatatos involuntários. São Paulo, SP. PUC-SP.
- British Broadcasting Corporation. BBC News Brasil. (2021). 'Celibatário involuntário': o que se sabe sobre autor do pior ataque a tiros no Reino Unido em uma década. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58214609>
- British Broadcasting Corporation.[BBC]. (2018). Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189>
- Cameron, D. (2019). U.S. Military Issues Warning to Troops About Incel Violence at Joker Screenings. Disponível em: <https://gizmodo.com/u-s-military-issues-warning-to-troops-about-incel-viol-1838412331>
- Dias, E. (2021). A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott. 4º Edição. Editora Donne.
- Dunker, C. (2018). O machismo e quem são os incels. Falando nisso 119. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTLwraoGAIQ>
- Granato, T. (2004). Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativa psicanalítica. São Paulo, p.266.

- Lejarraga, A. (2008). *Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott*. PePsi. São Paulo
- Ling, J. & Mahoney, J. (2018). The 'incel' community and the dark side of the internet. *The Globe and Mail*. Disponível em:
- Minayo, M. Deslandes, S. Neto, O. Gomes, R. (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes. Petrópolis.
- Neves, J. (1996). *Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades*. Caderno de pesquisa em administração, São Paulo. FEA-USP.
- Oliveira, A. (2017). *Sobre a análise fílmica psicanalítica*. Revista Subjetividades Universidade de Fortaleza, Brasil.
- Oliveira, D. (2010). *Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação*. Belo Horizonte.
- Oliveira, M. (2007). *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. PePsi. São Paulo.
- Penafria, M. (2009). *Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)*. Texto apresentado no VI Congresso SOPCOM, Lisboa, Portugal.
- Pereira, C. (2019). *INCELS, HERBS e o masculino na hipermodernidade: Reflexões orientadas pela Psicanálise*. Belo Horizonte, BH. PUC Minas.
- Phillips, A. (2013). *Winnicott. Ideias e Letras*. Rio de Janeiro. RJ
- Pinto, J. (2024). *O movimento da supremacia masculina e a propaganda de ódio nas redes: um ensaio sobre a cultura incel*. Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco. São Luiz. MA.
- Richardson, R, J. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Silva, M. (2014). *As contribuições da teoria crítica e psicanalítica para o entendimento da psicose paranóide: Uma análise do filme ilha do medo*. *Perspectivas em Psicologia*. Volume 18, Número 1, Jan/Jun 2014, p 112 -133

Siqueira, D., Passafaro, V. (2020). Direitos da personalidade, vulnerabilidade e adolescentes sob uma perspectiva Winnicottiana. Rio de Janeiro. RJ.

Svartman, B. (2000). Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. Revista SPAGESP.

Ribeirão Preto.

Taylor, J. (2018). The women who founded the ‘incel’ movement. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-45284455>

Vargas, A. (2020). Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores. BBC News Brasil. Disponível em:

O’Malley, R. (2020). An Exploration of the Involuntary Celibate (Incel) Subculture Online. Sage Journal.

Aiolfi, I. (2021). Who are the involuntary celibates? A scientific literature review.

Fontanella, F. (2010). Nós somos Anonymous: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, PE.